



RELATO DE EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA DE ESTRUTURA E RELAÇÃO SOCIAL: O MARXISMO ENQUANTO TEORIA ANTICOLONIAL E ANTIEUROCÊNTRICA

Jair Luid Oliveira Dos Santos¹
Antonio Vieira Da Silva Filho²

RESUMO

O Programa de Bolsas de Monitoria (PBM) na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, vinculado à Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) tem como objetivo o fortalecimento do aprendizado através da interação entre professor orientador, discente monitor e discentes monitorados no decorrer das componentes curriculares, concomitantemente desenvolvendo habilidades teórico-práticas relativas ao ensino no monitor de turma e aprimorando o aprendizado dos discentes através de assistência pedagógica. O presente trabalho é produto de reflexões feitas a partir das experiências de monitoria iniciadas no dia 01 de abril de 2025, em andamento, até o dia 06 de dezembro de 2025, na componente de Estrutura e Relação Social no curso do Bacharelado em Humanidades, sendo realizada até o dia 31 de julho de 2025 sob a orientação do professor Dr. Fernando Afonso Ferreira Junior, e desde então, sob orientação do professor Dr. Antonio Vieira da Silva Filho. O objetivo deste trabalho é refletir através de um relato de experiência, a partir de Silva Filho (2025) e das experiências de monitoria, sobre a importância do marxismo enquanto perspectiva teórica anticolonial e antieurocêntrica e sobre a importância de tal pensamento na formação dos discentes e do monitor na disciplina de Estrutura e Relação Social.

Palavras-chave: marxismo; anticolonialismo; antieurocêntrismo; monitoria.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Discente,
jairluidunilab@gmail.com¹
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Docente,
antoniovieira@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

O Programa de Bolsas de Monitoria (PBM) na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, vinculado a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) tem como objetivo o fortalecimento do aprendizado através da interação entre professor orientador, discente monitor e discentes no decorrer das componentes curriculares, concomitantemente desenvolvendo habilidades teórico-práticas relativas ao ensino como monitor de turma e aprimorando o aprendizado dos discentes através de assistência pedagógica. O presente trabalho é produto de reflexões feitas a partir das experiências de monitoria iniciadas no dia 01 de abril de 2025, em andamento até o dia 06 de dezembro de 2025 na componente de Estrutura e Relação Social no curso do Bacharelado em Humanidades, sendo realizada até o dia 31 de julho de 2025, sob orientação do professor Dr. Fernando Afonso Ferreira Junior, e desde então, sob a orientação do professor Dr. Antonio Vieira da Silva Filho. Este trabalho tem como objetivo geral refletir, a partir de um relato de experiência, sobre a importância do marxismo enquanto perspectiva teórica anticolonial e antieurocêntrica na componente de Estrutura e Relação Social, contrariamente às teses em voga de perspectiva decolonial que o posicionam junto às correntes eurocêntricas e coloniais do século XIX. Na disciplina de Estrutura e Relação Social esta perspectiva fornece a tônica da discussão, imbricando-se no processo formativo do monitor e dos discentes, sendo necessário refletir sobre a relevância desta para a compreensão e transformação dos contextos do sul global a partir das experiências educacionais de monitoria.

METODOLOGIA

Este trabalho se qualifica como um relato de experiência descritivo do processo de monitoria realizado entre os dias 01 de abril de 2025 e 05 de abril de 2025, na disciplina de Estrutura e Relação Social, em um primeiro momento (de 01 de abril a 31 de julho) sob a orientação do professor Dr. Fernando Afonso Ferreira Junior e no momento seguinte sob orientação do professor Dr. Antonio Vieira da Silva Filho. Refletiremos sobre a perspectiva teórica marxista enquanto teoria antieurocêntrica e anticolonial, a partir de Vieira Filho (2025) e a sua importância no processo formativo do monitor e dos discentes neste período.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vieira Filho (2025), em seu trabalho, defende que a descoberta da acumulação originária do capital por Karl Marx a partir da segunda metade da década de 1850 o teria afastado do pensamento eurocêntrico/colonial tal como é definido por Quijano (2005) e por Lander (2007). Para estes autores, segundo Vieira Filho:

O eurocentrismo é caracterizado, em grandes traços, pela concepção progressiva/evolutiva da história cuja culminância do desenvolvimento humano tem como palco a Europa Ocidental. As várias teorias eurocêntricas compartilham da concepção de um desenvolvimento histórico que reivindica a Grécia como começo civilizatório e a Europa como o momento mais avançado do desenvolvimento humano em geral. Essa visão discrimina em graus de hierarquia as diferentes formas de sociedades espalhadas pelo globo, tendo como modelo de superioridade humana a experiência da Europa Ocidental moderna capitalista colonial. Com a consolidação das grandes navegações, projeto de expropriação sistemática de riquezas materiais (e imateriais) e de exploração dos povos colonizados, consolida-se, igualmente, uma identidade europeia entre os países que participam diretamente da expropriação colonial. (2025, p.35-36).

Deste modo, tal visão evolucionista, na qual a Europa Ocidental aparece como o momento mais avançado do desenvolvimento em geral, cujo modelo deveria ser seguido por todas as sociedades para se tornarem civilizadas, seria uma das características da teoria de Marx que denunciaria o seu eurocentrismo colonial. Os críticos de Marx ao seu pretensão eurocentrismo se baseiam em alguns textos do autor alemão, como



identifica Silva Filho: O manifesto Comunista, o prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política e alguns artigos de 1853 sobre china e Índia, sendo eles O domínio britânico na Índia, Os resultados futuros do domínio britânico na Índia, a primeira resenha internacional publicada com o título revue e a revolução na china e na Europa. Silva Filho argumenta a insuficiência e unilateralidade de interpretação, na medida em que tais críticos se restringiram aos escritos de Marx até a primeira metade de 1850. Com base no próprios textos de Marx a partir da segunda metade de 1850 e de outros autores marxista, Silva Filho contrapõe um a um os argumentos que sustentam a tese de um marxismo eurocêntrico/colonial, retificando essas interpretações: a) Não há na obra de Marx uma filosofia da história teleológica, mas uma análise a partir de concepções do materialismo histórico; b) A história não é independente da vontade e saber humanos, mas, ao contrário, a história é realizada pelos sujeitos, pelos indivíduos; c) A teoria de Marx não afirma que a superação do capitalismo pelo socialismo é inevitável e necessário, mas que o capitalismo produz em seu interior tendências necessárias que apontam para sua superação, sublinhando a importância da luta de classes nesse processo e d) Marx não pensa o progresso histórico a partir de uma concepção unilinear e universal, mas ele pensa que o progresso das sociedades é multilinear e particular, pois o progresso dos países e povos possuem a sua própria dinâmica interna que pode não ser idêntica ao caminho percorrido pela Europeu. Lander pontua que Marx pensava na Europa como modelo mais avançado do desenvolvimento humano, cujo papel seria de expansão da civilização Ocidental através do comércio para os países colonizados. Há concordância em parte com o autor venezuelano, considerando os artigos sobre China e Índia da primeira metade de 1850. Em parte, porque mesmo nestes artigos da primeira metade de 1850 Marx denuncia também as atrocidades, violências e derramamento de sangue da colonização inglesa em China e Índia. A partir da segunda metade de 1850, Marx abandona por completo a concepção positiva da interferência colonial da Inglaterra nos países asiáticos, ou seja, abandona por completo a premissa de que o comércio inglês traria benefício para os países colonizados. O marco de tal ruptura seria a descoberta teórica de Marx sobre a Acumulação Originária de Capital. O colonialismo é visto como uns dos aspectos cruciais da gênese e do desenvolvimento capitalistas, sendo as suas características principais a expropriação dos meios e das condições de produção (terra, ferramentas de trabalho, meios de subsistência etc.), a violência, o saque e o roubo das nações colonizadas. Não resta mais nenhum resquício positivo do colonialismo, como ainda pontuava Marx nos artigos sobre China e Índia da primeira metade de 1850, mas se trata da destruição sistemática dos modos de produção e reprodução da vida baseados na posse da terra e na propriedade dos meios de produção e de subsistência.

Diante de tal argumentação, o pensamento marxiano se colocaria como teoria relevante ao contexto africano e latino-americano, pois este lançaria as bases para o entendimento da integração subdesenvolvida/dependente destes territórios no cenário global a partir da modernidade. A colonização dos países africanos, a partir do século XIX, mostra esse quadro devastador contido na acumulação originária de capital, a saber, o saque de recursos naturais e humanos, a violência, o roubo, assim como se inicia a destruição dos modos de produção originários baseados na subsistência para criar uma dependência das mercadorias dos países colonizadores. Visto que os estudantes da Unilab pertencem a estes contextos, e que a disciplina de Estrutura e Relação Social trabalha diretamente com este referencial, as experiências de monitoria são marcadas por um processo de reflexão conjunta entre professor-monitor-discentes sobre as realidades dos países envolvidos.

No processo de monitoria, isto ficou claro durante a realização das atividades. Foram realizados plantões tira-dúvidas, encontros presenciais e híbridos de revisão de conteúdo e rodas de conversa. Em todas estas atividades, os estudantes em diálogo operavam as categorias para a análise de suas próprias realidades. Eram discutidas: a dependência econômica brasileira e africana e a transferência de valor para as potências



do norte, o progresso capitalista como causa da exploração do trabalho, a ideologia dominante como legitimador do poder capitalista e colonial, o Estado burguês como sustentáculo político da exploração econômica, dentre outros temas. Tais diagnósticos sobre os problemas estruturais de nossos mundos foram disparados por leituras do pensamento marxiano, como de sua célebre obra *O Capital: crítica da economia política* (Marx, 2013), ou de autores marxistas como Marcuse (1975) e Rodney (2022), que também ajudam a vislumbrar um horizonte de superação dentro das contradições do próprio sistema.

CONCLUSÕES

Diante das considerações teóricas e da experiência relatada, depreende-se que a perspectiva marxista tem servido aos estudantes da disciplina de Estrutura e Relação Social, no período circunscrito, como ferramenta anticolonial e antieurocêntrica de entendimento de suas realidades. Tal contribuição se dá por um afastamento do pensamento marxista das perspectivas evolucionistas da História, aproximando-se de um campo de análise materialista do modo de produção capitalista, que por sua vez sustenta-se em uma dialética desenvolvimento/subdesenvolvimento, estando os países africanos e latino-americanos integrados de forma dependente no sistema mundial, como mostra a teoria da acumulação originária de capital. Visto que os estudantes brasileiros e africanos estão inseridos em países de herança colonial, tal teoria fornece ferramentas adequadas às nossas realidades, como constatado nas discussões durante as atividades de monitoria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Bolsas de Monitoria (PBM), aos professores orientadores e aos discentes monitorados, por suas grandes contribuições à minha formação.

REFERÊNCIAS

LANDER, Edgardo. **Marxismo, eurocentrismo e colonialismo**. In: _____. A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2007.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Tradução de Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.



RODNEY, Walter. **Como a Europa subdesenvolveu a África**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022.

SILVA FILHO, Antonio Vieira da. **Anticolonialismo, antieurocentrismo e acumulação originária de capital em Karl Marx**. In: FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha; AQUINO, João Emiliano Fortaleza de (ed.). A contrapelo: escritos sobre colonização. 93. ed. Fortaleza: EdUECE, 2025. p. 25. ISBN 978-85-7826-986-9.